

Clube União: uma fração da memória social e edificada de Bocaina (SP)

Clube União: a fraction of Bocaina's social and built memory

Clube União: una fracción de la memoria social y construida de Bocaina

Vladimir Benincasa

Professor Doutor, UNESP, Brasil
vladimir.benincasa@unesp.br

Maria Helena Gabriel

Discente, UNESP, Brasil.
mh-gabriel@hotmail.com

RESUMO

O avanço do café pelo interior paulista proporcionou a criação de um cenário característico por onde passou, deixando registros materiais e imateriais desse importante período da economia brasileira. Bocaina faz parte desse contexto, com inúmeros exemplares arquitetônicos dessa época. Entre eles, destaca-se o Clube União, de importante presença na memória da cidade, compondo a paisagem eclética do antigo centro urbano. Inicialmente, uma residência, teve seu uso alterado no início do século XX, quando foi comprado por um grupo da elite local para transformar-se num clube social, equipamento bastante comum nas cidades brasileiras do período, onde acertos econômicos, políticos e sociais eram gestados, e ocorriam importantes eventos socioculturais. O prédio encontra-se abandonado desde a década de 2000, bastante degradado, embora ainda seja lembrado por muitos. Recentemente, Bocaina recebeu a chancela estadual de Município de Interesse Turístico (MIT), e o seu centro histórico, ainda bastante preservado, começa a despertar o interesse para possíveis novos usos, atrativos turisticamente e transmissores da memória e história local. O objetivo aqui foi resgatar o passado desse importante elemento arquitetônico, para que futuras intervenções considerem suas características físicas e históricas, reinserindo-o no novo contexto urbano que se anuncia. A metodologia incluiu: levantamento bibliográfico, métrico e fotográfico; estudo sobre sua história e significado no imaginário local; além de entrevistas. Conclui-se que o prédio, abandonado como está, em nada contribui para a cidade e que aplicar algum uso possível ao local proporcionaria maior movimento ao centro antigo de Bocaina, além de preservar uma arquitetura histórica.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura Eclética. Memória Social. Bocaina, SP.

RESUMEN

El avance del café en el interior del estado de São Paulo condujo a la creación de un escenario arquitectónico, urbano, cultural, técnico y social característico por donde pasó, dejando registros materiales e inmateriales de este importante período en la economía brasileña. Bocaina es parte de este contexto, con innumerables ejemplos arquitectónicos de la época. Entre ellos, está el Clube União, una presencia importante en la memoria de la ciudad, que compone el paisaje ecléctico del antiguo centro urbano, cerca de edificios de importancia municipal y fuerte carácter republicano, como el Ayuntamiento, el Colegio, la Iglesia Madre, Escuela, Nuestro Club, Cine Jequitibá ... El edificio en cuestión ha estado relativamente abandonado y sin usar desde la década de 2000, bastante degradado, aunque todavía muchos lo recuerdan. Hace poco, Bocaina fue reconocida por el Estado de São Paulo como Municipalidad de Interés Turístico (MIT), y su centro histórico aún bien conservado está comenzando a despertar interés por posibles nuevos usos, como atracciones turísticas y transmissores de memoria e historia local. Por lo tanto, el objetivo de este trabajo fue rescatar el pasado de este importante elemento arquitectónico, prestando atención para que las futuras intervenciones puedan tener en cuenta sus características físicas e históricas, y puedan reinsertarse en el nuevo contexto urbano que se anuncia. La metodología de trabajo incluyó: investigación bibliográfica, métrica y fotográfica; un estudio de su historia y su significado en la imaginación local; además de aplicar un cuestionario para comprender las necesidades actuales de la sociedad de Bocaina. Se concluye que el edificio, abandonado como está, no aporta nada a la ciudad y que la aplicación de un posible uso del sitio proporcionaría un mayor movimiento al antiguo casco, además de preservar una arquitectura histórica.

PALABRAS CLAVE: Arquitectura Eclética. Memoria Social. Bocaina, SP.

ABSTRACT

The advancement of coffee's plantations in the interior of the state of São Paulo led to the creation of a characteristic architectural, urban, cultural, technical and social scenario where it passed, leaving material and immaterial records of this important period in the Brazilian economy. Bocaina is part of this context, with countless architectural examples of that time. Among them, there is the Clube União, an important presence in the city's memory, composing the eclectic landscape of the old urban center, near buildings of municipal importance and strong republican character, such as the City Hall, City Hall, College, Main Church, Police Station, Our Club, Cine Jequitibá ... The building in question has been relatively abandoned and unused since the 2000s, quite degraded, although it is still remembered by many. Currently, Bocaina has received the state seal of the Municipality of Tourist Interest (MIT), and its still well preserved historic center is beginning to arouse interest for possible new uses, such as tourist attractions and transmitters of local memory and history. Thus, the objective of this work was to rescue the past of this important architectural element, paying attention so that future interventions can take into account its physical and historical characteristics, and can reinsert it in the new urban context that is announced. The work methodology included: bibliographic, metric and photographic survey; a study of its history and its meaning in the local imagination; besides applying a questionnaire to understand the current needs of Bocainan society. It is concluded that the building, abandoned as it is, contributes nothing to the city and that applying some possible use to the site would provide greater movement to the old center of Bocaina, besides preserving a historic architecture.

KEYWORDS: Eclectic Architecture. Social memory. Bocaina, SP.

1 INTRODUÇÃO

A história do Clube União, surgido entre o final do século XIX e primeira década do século XX, relaciona-se intimamente com a da cafeicultura. Para entender seu surgimento é necessário compreender um pouco da sociedade da época e todas as transformações que a cafeicultura proporcionou ao interior paulista. Necessário, também, se faz analisar a situação atual do Clube, sem uso e praticamente abandonado, tentando compreender, material e simbolicamente, suas escalas temporais. O abandono atual do Clube União ligado às histórias sobre seu passado, motivaram esse trabalho.

Bocaina, mesmo sem um órgão municipal de preservação patrimonial, mantém muitos prédios de seu centro histórico conservados, que lhe conferem uma identidade e uma ambiência pouco usual no interior paulista.

Como consta na Carta de Atenas de 1933,

A vida de uma cidade é um acontecimento contínuo, que se manifesta ao longo dos séculos por obras materiais, traçados ou construções que lhe conferem sua personalidade própria e dos quais emana pouco a pouco a sua alma. (IPHAN, 1995, p. 59).

Originalmente, a sede do Clube foi uma residência. Em meados da década de 1930, tornou-se local de reunião da elite da cidade, principalmente de cafeicultores, onde ocorriam bailes, jogos, festas, saraus. Porém, as mudanças de costumes e fatores econômicos dos tempos atuais acabaram determinando seu fechamento em definitivo no início do século XXI. Mantê-lo nos moldes antigos tornou-se insustentável.

O Clube União traz, em sua arquitetura e história, a influência da cafeicultura na cidade e se caracteriza como elemento de identidade local. Identidade mais relacionada à composição da paisagem e da história, já que o uso, em seu auge, era restrito à elite. Como justificativa da escolha do objeto analisado, considera-se que conhecer a história local amplia o engajamento de todos na construção de uma sociedade mais democrática.

É através desta identidade passado-presente que nos reconhecemos colectivamente como iguais, que nos identificamos com os restantes elementos do nosso grupo e que nos diferenciamos dos demais. (SILVA, 2000, p.19).

Entende-se que sua preservação, como testemunho material portador de memórias da época de formação da cidade, é importante para entendê-la na atualidade. Mas, para readequá-lo, é preciso conhecê-lo. Eis o objetivo principal desse trabalho: recuperar sua história e apontar possíveis novos usos, para reinseri-lo na contemporaneidade, contribuindo, de alguma maneira, na manutenção da memória da cidade.

Os métodos utilizados, para tanto, consistiram em visitas ao local, para levantamento métrico e fotográfico; consultas a arquivos locais, como a Prefeitura Municipal e a Biblioteca, em busca

de documentação e material iconográfico; leitura de referencial teórico pertinente ao tema; e entrevistas com pessoas da cidade, que também abriram seus arquivos pessoais.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE PATRIMÔNIO

O entendimento da palavra patrimônio é fundamental para iniciar a discussão sobre arquitetura patrimonial. Para isso, vale-se de três referências: 1) a Declaração do México, de 1985; 2) a legislação brasileira; 3) e autores que tratam da questão do restauro, portanto, focado no bem material.

A definição de patrimônio cultural, no item 23 da Declaração do México, considera que:

O patrimônio cultural de um povo compreende as obras de seus artistas, arquitetos, músicos, escritores e sábios, assim como as criações anônimas surgidas da alma popular e o conjunto de valores que dão sentido à vida. Ou seja, as obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo: a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a cultura, as obras de arte e os arquivos e bibliotecas. (IPHAN, 1995, p. 314-315).

Muito próximo, o Artigo 216, da Constituição brasileira de 1988 define patrimônio cultural como “os bens de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”¹.

Nessa concepção ampla, estão os produtos de feitos humanos, classificados por Brandi (2004, p. 27) como *obras de arte*, que são aquelas às quais se destinam as intervenções e ações de salvaguarda, como conservação e restauração. Essa *obra de arte* só o é quando se faz reconhecida como “indivíduo singular”, que é reconhecida enquanto tal (BRANDI, 2004, p. 27), caso contrário, ela é apenas um produto criado pelo Homem. Essa condição pode sempre ser alterada, a partir do momento que alguém redefina seu valor e passe a entendê-lo como *obra de arte*, diferenciando-o dos demais (BRANDI, 2004, p. 27).

Encarando a *obra de arte* como patrimônio material, é possível estabelecer um paralelo entre essas afirmativas de Brandi e as condições que conferem a um objeto o valor patrimonial. Por assim dizer, nem todas as manifestações do passado devem ser preservadas (SILVA, 2000, p. 218). A afirmação parece incisiva, ou excludente, mas as condições da dinâmica socioeconômica, territorial e da concepção patrimonial assim o determinam, ao considerar que patrimônio é uma manifestação de reconhecimento coletivo (SILVA, 2000, p. 218-219).

Assim, percebe-se que o reconhecimento do “indivíduo singular” de Brandi (2004) para que uma *obra de arte* assim o seja, é como o reconhecimento da identidade no patrimônio, para

¹IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Patrimônio Cultural*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso: 01/04/2019.

que este assim o seja. Esse reconhecimento ocorre de forma particular por cada indivíduo, mas quando atinge uma proporção significativa, torna-se identidade “coletiva”.

A partir dessas equivalências, analisa-se a *obra de arte*, a qual Brandi (2004, p. 29-30) atribui duas instâncias: a estética e a histórica. Sobre a segunda, verifica-se que pode ser subdividida em dois momentos: o período de criação da obra, e o presente, que se faz na tomada de consciência da obra pelas pessoas (BRANDI, 2004, p. 32). Dessa abordagem temporal, estabelece-se o seguinte raciocínio: entre essas duas temporalidades decorre um tempo histórico, que é parte da história da obra, “de cujo trânsito a obra poderá ter conservado os traços” (BRANDI, 2004, p. 33). No caso da arquitetura, podem ser acréscimos, adaptações etc., que se incluem também em uma manifestação histórica do passado, em um conjunto de necessidades e ideias que provocaram essas marcas. A preservação ou subtração dessas marcas nunca é genérica, sempre deve ser tomada caso a caso.

A respeito da arquitetura histórica, a Carta de Veneza (1964), em seu Artigo 1º, apresenta a definição do termo monumento histórico:

Art. 1º A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural. (IPHAN, 1995, p. 109).

Para complementar, Choay apresenta a origem do termo monumento e sua função para com o caráter patrimonial:

Em primeiro lugar, o que se deve entender por monumento? O sentido original do termo é o do latim *monumentum*, que por sua vez deriva de *monere* (“advertir”, “lembrar”), aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. (CHOAY, 2006, p. 17).

É esse o caráter observado na arquitetura do antigo Clube União de Bocaina, SP: uma arquitetura histórica, imponente na cidade e que adquiriu uma significação cultural e afetiva, que representa, assim, uma “memória viva”, como definida por Choay, mas modesta se comparada a grandes concepções arquitetônicas nacionais e mundiais.

3 O PATRIMÔNIO E O TURISMO EM BOCAINA, SP

Bocaina, no centro do estado de São Paulo, conta população estimada para 2018 em 12.204 habitantes². Apesar de possuir importante conjunto eclético, relativamente preservado, possui

² Informação obtida em IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Bocaina, SP. Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bocaina/panorama>>.

poucos bens tombados pelo Condephaat³: a EMEF Dep. Leônidas Pacheco Ferreira e o acervo de 13 telas sacras de Benedito Calixto da Igreja Matriz de São João Batista.

Também não possui um órgão de tombamento em escala local, nem Plano Diretor com leis diretivas em relação ao patrimônio. Entretanto, isso seria importante pois, no caso de bens de interesse regional e local, apenas um órgão municipal poderia agir com as devidas medidas de tombamento e amparo (CREA, 2008, p. 21).

Uma legislação local para patrimônio ainda permite o estabelecimento de isenções para os proprietários desses bens, portadores de interesse coletivo, como incentivo ao investimento em sua manutenção. Segundo a cartilha *Patrimônio histórico: como e por que preservar*, “Algumas cidades dão descontos de IPTU para os bens tombados” e, além disso, “O Estatuto da Cidade prevê uma gama de instrumentos que podem ser utilizados para imóvel tombado, como a Transferência do Direito de Construir, por exemplo” (CREA, 2008, p. 24).

Uma das decorrências da preservação patrimonial é a possibilidade de desenvolvimento de atividades ligadas ao turismo, que abrange todas as discussões acima: incentivo à preservação do bem histórico, transmissão dessa cultura e conhecimento a gerações futuras, convívio entre passado e presente na paisagem e usufruto arquitetônico. Essa ferramenta agrega benefícios culturais, sociais, educacionais e econômicos: “a maior atração exercida pelos monumentos e a influência crescente de visitantes contribuem para afirmar a consciência de sua importância”, como consta nas Normas de Quito de 1967 (IPHAN, 1995, p. 133), feita a ressalva de se promover um turismo que respeite o patrimônio e não contribua para sua degradação.

Um dos avanços recentes na questão, que envolve essa condição de Bocaina, é que a cidade recebeu a chancela de Município de Interesse Turístico (MIT), por meio da aprovação da Assembleia Legislativa do Governo do Estado de São Paulo, através do Projeto de Lei nº 316/2017, contando ainda com o Projeto de Lei nº 635/2018, transformado em norma em 2019, com a Lei nº 16.938⁴. A justificativa para tal ação menciona o fato de o município já se encontrar inserido em dois Roteiros Turísticos: “Coração Paulista” e “Caminhos do Tietê”, além de possuir potencial para o desenvolvimento de um turismo histórico e cultural-religioso, que incluiria a Igreja Matriz e as telas de Benedito Calixto, os casarões centenários, a festividade de São João Batista, as velhas fazendas cafeeiras, além do potencial de atividades ligadas ao Ecoturismo no Rio Jacaré-Pepira, já bastante explorado pela vizinha cidade de Brotas. Tal medida evidencia a importância patrimonial e turística da cidade.

4 O CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO E O ECLETISMO

A produção cafeeira chega à região de Bocaina por volta de 1870. Essa região seria a principal produtora entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do XX (PRATTA, 2002, p. 53). O

³ Informação obtida em SÃO PAULO (Estado). CONDEPHAAT. Lista de Bens Tombados em Ordem Alfabética por Município. Atualizado até dez. 2015. Disponível em: <http://vgnweb.publica.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/Condephaat/Bens%20Tombados/at%C3%A9%20dez.14_ALFAB%203%89TICA.pdf>.

⁴ Projetos de Lei e Norma disponíveis no site da Assembleia Legislativa de São Paulo.

enriquecimento provocado pela cafeicultura permitiu ao interior paulista inserir-se na economia global, estabelecendo contato com o que havia de mais moderno no mundo. Uma das consequências foi a implantação de ferrovias, que facilitou a exportação do café e também trouxe as novidades da Europa e Estados Unidos (REIS FILHO, 2006, p. 146-148). Além disso, trouxe os imigrantes, principalmente para substituir a mão de obra escrava nas lavouras (REIS FILHO, 2006, p. 149). As ferrovias também facilitaram o acesso, em regiões distantes dos principais centros do país, de materiais construtivos e equipamentos importados, que contribuíram para melhorar a técnica construtiva (REIS FILHO, 2006, p. 44).

Nesse contexto, desenvolveu-se no Brasil a produção de uma arquitetura eclética: “Esse [era] o quadro pronto para receber o Ecletismo, sinônimo de progresso e linguagem do poder econômico – era o capitalismo inaugurado com o café que chegava à cidade” (LEMONS, 1987, p. 73). Segundo Fabris, além da contribuição dos imigrantes, considera-se importante para a difusão do Ecletismo “o critério de gosto da elite dirigente, que deseja reproduzir no Brasil tipos e modelos admirados na Europa” (FABRIS, 1993, p. 136).

Define-se aqui a arquitetura eclética como desejo da sociedade do final do século XIX em combinar diversos elementos de estilos consagrados do passado europeu (BONAMETTI, 2006, p. 2-4), e que abrangiam também aspectos construtivos e plásticos (REIS FILHO, 2006, p. 180). Dentre os materiais e plasticidade aplicados na arquitetura eclética, destaca-se o uso do tijolo maciço em substituição gradual às taipas (LEMONS, 1987, p. 73), da telha francesa (MELO e RIBEIRO, 2007, p. 84), do estuque (MELO E RIBEIRO, 2007, p. 82), dentre outros. Com relação à plasticidade, era comum o investimento em elementos decorativos concentrados na fachada dos edifícios, pois, no século XIX, predominava a ideia de “que a arquitetura deve ser representativa, (...) deve evidenciar através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante” (FABRIS, 1993, p. 134).

Essa arquitetura, portanto, representa a ascensão de uma elite enriquecida, direta ou indiretamente, com cafeicultura. Os conjuntos ecléticos são, portanto, testemunhos dessa época de desenvolvimento e intercâmbio cultural com o exterior.

5 A CIDADE DE BOCAINA, SP: BREVE RETROSPECTO

O nascimento de Bocaina está ligado à questão da disseminação do café e do ecletismo pelo interior paulista na segunda metade do século XIX. Ela surge de um aglomerado entre as fazendas cafeeiras situadas entre Jaú e Araraquara, nas últimas décadas do século XIX. Com o crescimento da população no local, a freguesia de São João Batista foi desmembrada de Jaú em 23 de maio de 1891, sendo elevada à categoria de vila. Em julho do mesmo ano foi instalado o município. Em 1906, ocorre a elevação à categoria de cidade. O nome Bocaina foi assumido somente em 1938 (FURLANETO, 2005?, p. 21 e 139).

No início do século XX, o cenário econômico favorecia o desenvolvimento das cidades produtoras de café, com investimentos em infraestrutura e, na política, verificavam-se as primeiras décadas de um sistema republicano recém-proclamado. Entre as instituições mais

importantes de uma cidade do período, destacava-se o clube social, local de discussões políticas e econômicas, lazer, jogos, bailes.

Bocaina estava inserida numa das grandes regiões produtoras de café, à época, tendo se originado em terras de um dos maiores produtores do país, a cidade de Jaú. Nesse cenário de euforia, o progresso atraiu mais pessoas à cidade que, em 1930, contava com 21.451 habitantes, quase o dobro da atual. Era, então, a 4ª maior produtora de café da região atrás apenas de Jaú, Bariri e Pederneiras (FURLANETO, 2005?, p. 40). Sendo assim, era natural que ali também a elite se organizasse em torno de um grêmio recreativo. Nascia assim, o Clube União, em 1912.

No entanto, esse período de grandes progressos e investimentos foi desacelerado pela crise de 1929, cujos reflexos na economia cafeeira brasileira levou muitos fazendeiros a adquirirem dívidas (FALEIROS, 2007, p. 298), o que dificultou a manutenção dos cafezais naquelas proporções. Com o final da cafeicultura e as mudanças socioeconômicas, também os antigos clubes foram perdendo seu espaço, assim ocorreria com o União.

6 PRÉDIO E DEPENDÊNCIAS DO CLUBE UNIÃO

A maior parte das informações desse tópico foi obtida por entrevistas⁵ realizadas com bocainenses ligados de alguma forma ao clube, mantendo o seu anonimato. As informações abrangem mais ou menos dos anos 50 até os dias atuais, levando em conta a idade dos entrevistados (entre 60 e 90 anos), havendo algumas informações de períodos anteriores, a partir de relatos contados aos entrevistados, ou seja, antes desse período estimado.

6.1 Histórico: localização e cotidiano

O Clube União foi fundado em 1912, segundo placa existente no prédio, sendo sua primeira localização na Rua Sete de Setembro, em frente ao mercado Tico Tico (Figura 1). Posteriormente, não se sabe a data precisa, o Clube foi transferido para o prédio situado a rua Floriano Peixoto, 419, a principal da cidade então, que havia sido residência da família Almeida Prado, e, posteriormente, de João de Campos Pacheco⁶, prefeito de Bocaina de 1931 a 1933⁷ (Figura 3). Pela data e ocupação pelo Sr. Pacheco, deduz-se que a transferência do clube tenha se dado logo após 1933, aí permanecendo até os dias de hoje.

A Figura 2 possui legenda grafada a punho por Antônio Lahoz Neto, pai de Antônio de P. F. Lahoz, com a seguinte informação: “Casa do Sr. Antonio de Almeida Prado em Bocaina”. Numa cópia dessa foto, tão antiga quanto essa, do acervo do Museu de Bocaina, aparece, também à mão, a data de 1918.

⁵ As entrevistas foram necessárias para complementar informações sobre o histórico do clube.

⁶ Informações fornecidas pelos Memorialistas 2 e 6.

⁷ Câmara Municipal de Bocaina. Site oficial. Disponível em:

<<https://www.camarabocaina.sp.gov.br/?pag=T1RjPU9EZz1PVFU9T0dVPU9HST1PVEE9T0dFPU9HRT0=&idmenu=214>>.

Figura 1 – Primeiro prédio do Clube União, em 1914



Fonte: Acervo de Mércia M. Araújo Santos e Campos

Após a instalação do clube, construiu-se, nos fundos do terreno, a residência onde morou por muitos anos, os responsáveis pela manutenção local, D. Nena e Sr. Vicente Nigro, e filhos. O Sr. Vicente acabou assumindo a gerência do bar que ali funcionava. Neste quintal do clube, também houve um quartinho ocupado por Ernesto Nigro, filho do casal mencionado, além de árvores, galinheiro, fogão e forno a lenha e uma gruta⁸.

Essencialmente, o União era um clube de jogos, frequentado por sócios e convidados da elite local e regional, ou seja, principalmente fazendeiros e comerciantes. Os jogos ali envolviam grandes apostas e, segundo relatos, houve casos de perdas de fazendas inteiras. Muitas vezes, a jogatina durava vários dias, sem pausa: os jogadores almoçavam e jantavam as refeições preparadas por Vicente Nigro ou D. Nena no forno à lenha do quintal⁹.

Na cidade de Jaú, igualmente, havia um clube onde as pessoas se reuniam para jogos, o Jaú Clube, sendo que os que ali jogavam também frequentavam o Clube União. Além da jogatina, havia uma relação de amizade entre as famílias de Bocaina e Jaú¹⁰, o que evidencia a sólida relação social que se desenvolvia no Clube União.

Após algumas décadas, gradativamente, os grandes jogos de apostas concentraram-se em Jaú, acabando essa prática no Clube União¹¹.

Mesmo assim, ainda aconteciam encontros sociais diários entre as famílias tradicionais da época, para o café depois do almoço (Figura 3), ler os jornais assistir TV, ou acompanhar

⁸ Informações fornecidas pelos Memorialistas 1, 3, 5 e 6.

⁹ Informações fornecidas pelos Memorialistas 3, 5 e 6.

¹⁰ Informações fornecidas pelos Memorialistas 4 e 6.

¹¹ Informação fornecida pelo(a) Memorialista 3.

a cotação do café na Bolsa de Valores. Durante a tarde os senhores jogavam baralho, mas sem as vultosas apostas, e à noite havia outro café, após o jantar, fazendo com que as pessoas retornassem ao clube: esse cotidiano proporcionava um círculo de amizades ativo¹². Nessas reuniões, o assunto de maior destaque era a política - mais precisamente as ideologias liberais defendidas pela UDN - ocorrendo até mesmo eventos para recepcionar alguns políticos (ZWARICZ, 2007, p. 21).

Figura 2 – Antiga residência de Antônio Almeida Prado



Fonte: Fotografia fornecida por Antônio de P. F. Lahoz, s.d.

Além dessa dinâmica, era comum também os homens se reunirem após a missa para comer o pastel feito por D. Nena. Geralmente, após a missa das 10 horas; as moças da época (aproximadamente meados da década de 50) se reuniam para tomar aperitivo e tocar o piano do palco do clube, retornando às 16 horas, para nova sessão de música e carteados¹³.

O Clube União costumava ser aberto aos sócios ao meio dia por Vicente Nigro em seu traje de garçom, ficando aberto até a noite. No período da manhã, ocorria a limpeza do prédio. Segundo relatos, Ernesto Nigro realizava essa limpeza e recebia alguns amigos no período da tarde (Figura 5), momento em que passavam o tempo conversando em inglês, italiano, alemão; falavam sobre filosofia, política, artes, jornalismo. Ernesto era correspondente do jornal Estado de São Paulo, no qual tinha uma coluna semanal, e a quem os jovens da época recorriam para pedir ajuda nos trabalhos escolares¹⁴. Percebe-se que era muito valorizada a troca de conhecimentos e as conversas cultas nessas reuniões cotidianas.

¹² Informações fornecidas pelos Memorialistas 4, 5 e 6.

¹³ Informações fornecidas pelos Memorialistas 4.

¹⁴ Informação fornecida pelos memorialistas 1, 3 e 4.

Esse cotidiano era complementado com os eventos que aconteciam no Clube União, como bailes, jantares, shows, churrascos. Dentre os bailes, o que mais se destacava era aquele animado pela Orquestra Cassino de Sevilla. Aconteciam também bailes com orquestras jauenses, dentre elas a Orquestra Capelozza e, também, os bailes de debutantes - sendo o primeiro deles foi realizado em 1955, além de desfiles de moda¹⁵. Enfim, eventos de importância no meio social da elite da época.

Figura 3: Café após o almoço, na varanda do Clube União



Fonte: acervo de Mércia M. Araújo Santos e Campos, s.d.

Havia também jantares, sendo muito lembrados os que tinham como prato principal o carneiro da D. Nena, encomendado até por pessoas de Jaú, que frequentavam o Clube União para jogos. Nessas ocasiões, montava-se uma mesa para cerca de 30 a 40 pessoas, com talheres finos. Além desses jantares, eram frequentes os churrascos no quintal, para sócios¹⁶. A partir da década de 70, foram frequentes os bailes menores, com som eletrônico, para os jovens, e, no início dos anos 80, os eventos ficaram limitados a carnavais infantis. O antigo cotidiano do Clube União foi extinguindo-se, acompanhando as alterações sociais e das atividades de lazer. Os clubes, de modo geral, começavam a ter áreas esportivas (ausente

¹⁵ Informações fornecidas pelo(a) Memorialista 6.

¹⁶ Informação fornecida pelos Memorialistas 5 e 6.

no União), as pessoas passavam a assinar jornais e a ter TV em suas residências, contribuindo para o afastamento do clube que deixa, então, de ser atrativo¹⁷.

Diante da situação descrita, Zé do Eloy Almeida Prado, no período em que foi seu presidente (entre o fim da década de 1980 a 1997, quando faleceu), tentou reavivar o local, sem grandes resultados. Nesse período, em algum momento dos anos 80, D. Nena saiu do clube. De acordo com os relatos, não há precisão do que aconteceu com o bar do clube imediatamente à sua saída, pois os próximos dados a esse respeito remontam a meados da década de 1990. Posteriormente, o bar e a cozinha do Clube União voltaram a funcionar, com a promoção de almoços e jantares. Em 1997, o falecimento de Zé do Eloy contribuiu para que o pequeno movimento decaísse ainda mais. A partir de então, o Clube União foi utilizado praticamente como lanchonete, até 2006, quando o prédio foi definitivamente fechado¹⁸.

7 ANÁLISE ARQUITETÔNICA

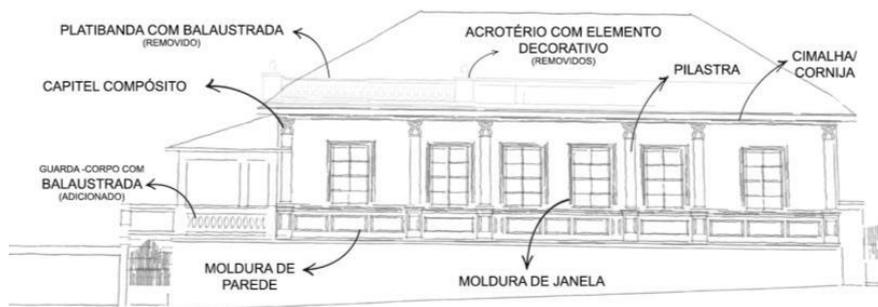
A atual configuração do Clube (Figura 4) é reflexo de uma série de reformas e adaptações ocorridas ao longo do tempo. Trata-se de construção eclética, cuja ornamentação concentra-se na fachada, diminuindo nas laterais, e inexistente aos fundos.

Sabe-se que a lateral esquerda foi alterada por acréscimo do alpendre e da escadaria. Portanto, para uma análise de elementos arquitetônicos, utilizou-se a fachada por ser a face mais ornamentada (Figura 5). Os elementos arquitetônicos apontados¹⁹ fazem parte do estilo eclético, que mescla elementos de diversas linguagens do passado numa mesma composição. Como se pode ver, houve originalmente uma platibanda com balaustrada, posteriormente removida. O balaústre de cimento armado foi “muito usado no coroamento de prédios durante o século XIX” (ALBERNAZ e LIMA, 1998, p. 78). A eles, se somam as pilastras com capitel compósito, as cimalkas, as molduras e rusticações, numa composição em que predomina a austera linguagem neoclássica, principalmente se considerarmos a original platibanda, enquadrando a fachada, sem os atuais beirais.

¹⁷ Informação fornecida pelo(a) Memorialista 4.

¹⁸ Segundo matéria publicada no site do Comércio do Jahu, em 03/03/07. Disponível em: <<http://www.comerciodojahu.com.br/noticia/1165319/Advogada+quer+indeniza%C3%A7%C3%A3o+da+prefeitura+de+Bocaina>>.

¹⁹ A análise de elementos arquitetônicos foi baseada em Albernaz e Lima (1998) e Koch (1996).

**Figura 5: Elementos arquitetônicos da fachada**

Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 6: Planta Arquitetônica do Primeiro Pavimento

Comparando as Figuras 6 e 7, notam-se mais divisões no porão, o que sugere que o segundo seguia a divisão do primeiro, com maior compartimentação, que a atual, já adaptado à condição de clube social, com uma espacialidade diferente da residência original.

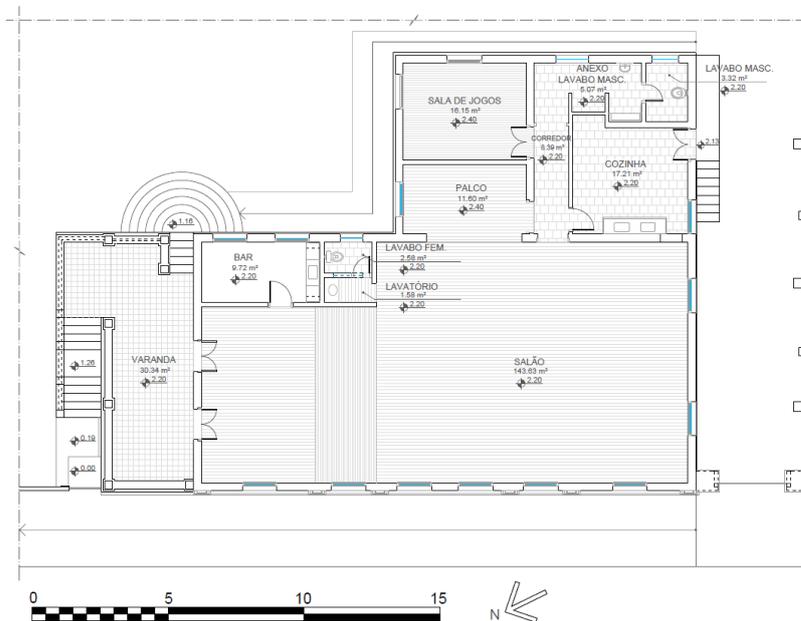
Com relação à documentação do prédio, quase nada se encontrou. Assim, foi necessário fazer o levantamento métrico para sua maior compreensão.

Junto a confecção das plantas, foi possível observar sua materialidade. O edifício segue o padrão das edificações “modernas” de sua época, o que, então se constituía no uso de técnicas novas, substituindo as antigas taipas que predominaram durante o Império, pelo tijolo, uso de calhas metálicas, e de telhas francesas.

Basicamente, constitui-se de alicerces de pedra, cuja superfície superior foi regularizada e nivelada por baldrame de tijolo maciço, sobre os quais se erguem as paredes com o mesmo tipo de tijolos do porão e logo a seguir, as da edificação, assentados com argamassa de terra, em algumas partes, e com argamassa de areia e cal, em outras, e revestidos de argamassa de areia e cal, e, finalmente, caiadas.

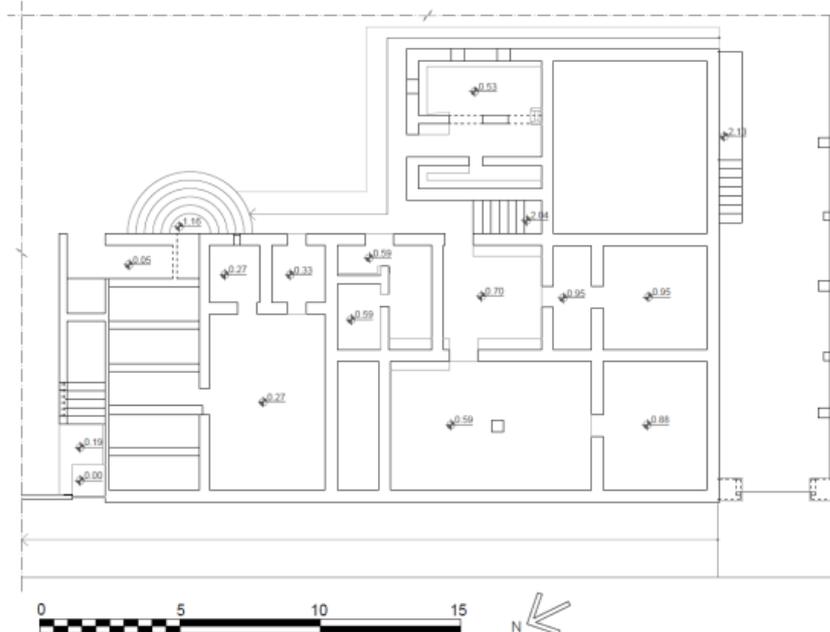


Figura 6: Planta Arquitetônica



Fonte: Acervo próprio, 2019.

Figura 7: Planta Arquitetônica do Porão



Fonte: Acervo próprio, 2019.

A estrutura da cobertura é de madeira, utilizando-se de tesouras simples e tirantes, e telhas de barro, atualmente do tipo romana (originalmente, eram telhas francesas, importadas), tudo devidamente envolvido por uma platibanda, suprimida posteriormente, que seguia o padrão ditado pelo Código de Posturas estadual. Já o forro da construção é todo em madeira de

tábuas estreitas pintadas, o que denota que houve troca em algum momento, provavelmente na segunda metade do século XX, pois o tipo mais comum, à época da construção, ainda era o saia e camisa, feito com tábuas mais largas que as atuais.

Os pisos são variados: há ladrilho hidráulico vermelho, no alpendre (um acréscimo já da época do Clube); assoalho de madeira, no salão, no palco e na sala de jogos; cimento queimado, no antigo bar; e peças cerâmicas nas demais áreas molhadas. O assoalho do interior da edificação é sustentado por vigas de madeira, engastadas nas paredes do porão.

As várias portas do prédio são de madeira, embora nem todas sejam originais, devido às intervenções sofridas. As janelas originais são de madeira; mas notam-se alguns caixilhos metálicos extemporâneos à sua data de construção.

Devido à condição geral de abandono, o prédio é acometido por diversas patologias que fragilizam sua estrutura material e contribuem para sua deterioração, sendo necessária a recuperação de materiais e estruturas para evitar a evolução dessa condição. A diretoria do Clube União, faz a manutenção do local de acordo com as possibilidades, considerando que não há mais arrecadações. Além disso, houve ofertas de entrega do prédio à Prefeitura Municipal, através de um contrato de concessão por alguns anos, sem cobrança de aluguel, exigindo-se apenas sua manutenção. Entretanto, apesar do interesse de alguns prefeitos, nenhuma negociação avançou²⁰, permanecendo inativo até o momento.

8 REFORMAS E INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS

A intervenção arquitetônica mais lembrada é a mudança da entrada principal do Clube, que originalmente, se dava por uma porta da fachada. Por volta de 1960, ocorreu o fechamento parcial da porta principal, transformada em janela²¹. A entrada principal passou para a lateral esquerda, onde as duas janelas foram transformadas em portas (Figura 8).

O alpendre (chamado de *varanda*, pelos entrevistados), embora não fosse original, já existia quando essa intervenção ocorreu²², porém possuía apenas a escadaria semicircular aos fundos, ainda sem a escadaria lateral de acesso ao portão social.

A antiga escadaria de acesso à rua, na fachada, era um elemento que dividia o espaço em salão e bar, por isso foi fechada, permitindo que o salão fosse ampliado e se tornasse contínuo²³.

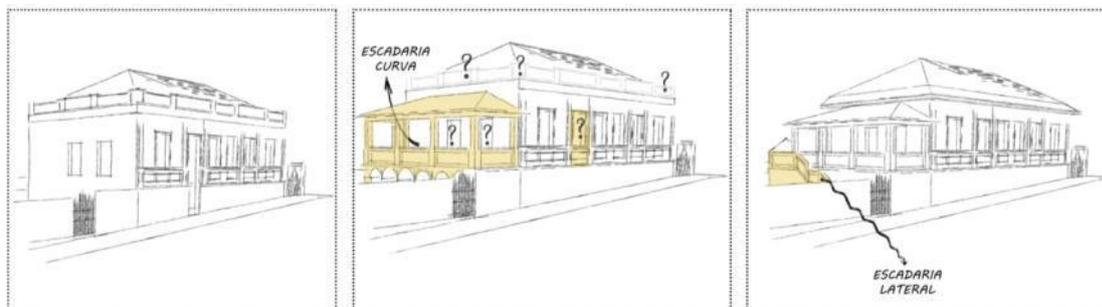
²⁰ Informação fornecida pelo(a) Memorialista 4.

²¹ Informação fornecida pelos Memorialistas 1, 2, 3, 4, 5 e 6.

²² Informação fornecida pelos Memorialistas 4 e 6.

²³ Informação fornecida pelo(a) Memorialista 6.

Figura 8: Esquema de hipótese da evolução de acessos principais ao edifício



Fonte: Acervo próprio, 2019

Na década de 1980, houve o projeto de construção de uma quadra de tênis e piscina no quintal, para isso sendo demolidos a casa já desocupada por D. Nena, e o antigo forno e fogão à lenha, onde antes eram preparadas as refeições²⁴. O projeto nunca saiu do papel. Talvez por isso, tenha ocorrido a subdivisão da antiga sala de jogos, transformando-a em cozinha e banheiros²⁵. Internamente ainda, pode-se observar que a abertura do antigo bar, onde hoje está instalada uma porta, era maior e emoldurada, com detalhes arqueados nos cantos superiores dessa abertura.

Por ser em sua origem uma residência, algumas dessas alterações que mudaram a configuração do prédio deveram-se à necessidade de adaptá-lo ao novo uso, com a construção de banheiros e a ampliação do salão. Por fim, ainda houve reformas para reparar patologias ou mesmo para realizar a manutenção do edifício.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O prédio do Clube União insere-se em um contexto de paisagem histórica, composto por antigos casarões do período eclético (Figura 72 e Figura 73), possuindo relação harmoniosa com estes em estilo, gabarito, materialidade e volumetria.

Sua localização no centro histórico, a proximidade com vários imóveis de interesse cultural e a chancela recém-conquistada de Município de Interesse Turístico (MIT), oferecem inúmeras possibilidades de usos adaptados à condição atual de Bocaina. Uma delas seria como um Museu, Biblioteca e Arquivo Histórico: a cidade possui um rico acervo, hoje dividido, mal acomodado e sem possibilidade de consulta pública no antigo Cine Jequitibá e no almoxarifado da Prefeitura. Portanto, inexistente um local para informações sobre a história da cidade ou sobre seu potencial turístico. No grande quintal, poderia ser feita nova edificação, para abrigar café, salas multiusos para cursos variados de capacitação à população, com vistas ao incremento turístico. Caso se optasse pela recuperação parcial do antigo uso como clube, o salão poderia

²⁴ Informação fornecida pelo(a) Memorialista 3.

²⁵ Informação fornecida pelo(a) Memorialista 1.

ser readequado para eventos como bailes, palestras, etc., recuperando-se o bar e a cozinha, transferindo os arquivos para a nova edificação no terreno.

Enfim, o tempo agora é de reflexão e ação para que as novas possibilidades adquiridas com a chancela do MIT não se percam, ajudando assim a dar a visibilidade que o importante conjunto arquitetônico, que ainda resta, possa ser valorizado e, definitivamente, encarado como patrimônio bocainense que pode vir a contribuir para o desenvolvimento sustentável da cidade, sem que se percam suas características.

REFERÊNCIAS

ALBERNAZ, M. P.; LIMA, M. C. **Dicionário Ilustrado de Arquitetura**. Rio de Janeiro: Wissembach, 1998.

BONAMETTI, J. H. A Arquitetura Eclética e a Modernização da Paisagem Urbana Brasileira. **R. cient./FAP**, Curitiba, v.1, jan./dez. 2006. Disponível em:
<<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1741>>. Acesso em: 28/07/18.

BRANDI, C. **Teoria as Restauração**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

CÂMARA Municipal de Bocaina. **História de Bocaina (Resumo)**. Disponível em:
<<https://www.camarabocaina.sp.gov.br/?pag=T1RjPU9EZz1PVFU9T0dVPU9HST1PVEE9T0dFPU9HRT0=&idmenu=214>>. Acesso em: 13/04/19.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

FABRIS, A. **Arquitetura eclético no Brasil: o cenário da modernização**. Anais do Museu Paulista Nova Série NQ 1 1993. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v1n1/a11v1n1>>. Acesso em: 28/07/18.

FALEIROS, R. N. **A defesa do café e o avanço da fronteira agrícola**. In: **Fronteiras do café: fazendeiros e “colonos” no interior paulista (1917-1937)**. 2007. (doutorado) – UNICAMP, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/285445>. Acesso em: 10/04/19.

FURLANETO, W. **Uma Cidade e um Pouco de sua História**. Vol 2. [S.l.: s.n.], 2005?.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Bocaina, SP. Panorama**. Disponível em:
<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bocaina/panorama>>. Acesso em: 13/04/19.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Patrimônio Cultural**. Disponível em:
<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>>. Acesso em: 01/04/2019.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cartas patrimoniais**. Brasília: IPHAN, 1995. Cadernos de Documentos nº 3.

KOCH, W. **Estilos de Arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LEMOS, C. A. C. **Eclétismo em São Paulo**. In: FABRIS, A. (org). **Eclétismo na arquitetura brasileira**. São Paulo: Nobel; EDUSP, 1987.

MELO, C. M. dos S.; RIBEIRO, R. T. M. Técnicas Construtivas do Período Eclético no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Arqueometria, Restauração e Conservação** 1, nº 3, 2007: 80-85. Disponível em:
<https://ecitydoc.com/download/tecnicas-construtivas-do-periodo-eclético-no-rio-de_pdf>. Acesso em: 31/12/18.



PRATTA, M. A. **Mestres, Santos e Pecadores: educação, religião e ideologia na Primeira República brasileira**. RiMa, São Carlos, 2002.

REIS Fº, N. G. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Projeto de Lei nº 316/2017. **Classifica Bocaina como Município de Interesse Turístico**. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000039362>>. Acesso em: 23/07/2018.

SÃO PAULO (Estado). CONDEPHAAT. **Lista de Bens Tombados (em ordem cronológica dos tombamentos)**. Atualizado até dez. 2015. Disponível: <http://vgnweb.publica.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/Condephaat/Bens%20Tombados/at%C3%A9%20dez.14_CRONOL%C3%93GICA.pdf>. Acesso em: 04/01/2017.

SILVA, E. P. da. Património e Identidade: os desafios do turismo cultural. I.S.C.S.P. Universidade Técnica de Lisboa. In: **Revista Antropológicas**, nº 4, 2000.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ZWARICZ, V. C. B. **Personalidade de Fé**. Univ. do Vale do Paraíba. S. José dos Campos, SP, 2007. Disponível em: <<http://biblioteca.univap.br/dados/000032/0000322c.pdf>>. Acesso em: 22/04/19.